

Circuitos interpretativos do jornalismo e um princípio ecológico para o fazer

Reges Schwaab¹

Resumo

O texto considera que o âmbito das práticas jornalísticas propõe, em seus movimentos interpretativos, um conjunto peculiar de saberes advindos da experiência. Estes discursos auxiliam na compreensão do fazer, permitindo certo tipo de conhecimento sobre o Campo e as perspectivas que assume diante das emergências do tempo presente. Trabalhamos dizeres de jornalistas que vão do exercício de cobertura sobre meio ambiente ao olhar analítico sobre ele por ocasião da Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada no Brasil em junho de 2012. O ponto de partida para a leitura proposta são dois programas televisivos do *Observatório da Imprensa*. Debates o lugar que os jornalistas atribuem ao Campo pensando seus princípios, o tema ambiental e o acontecimento em questão.

Palavras-chave: Práticas Jornalísticas. Saber. Circuitos Interpretativos. Meio Ambiente. Rio+20.

Abstract

This work claims that the range of journalism practices proposes, in their interpretative movements, a peculiar set of knowledges that come from experience. This discourses aid in the understanding of doing journalism, allowing a certain kind of knowledge about the Field and the perspectives it assumes facing the emergences of the present time. We worked on sayings by journalists that range from the exercise of covering environmental stories to the analytical look about them on the occasion of the Rio+20, the United Nations Conference on Sustainable Development, that occurred in Brazil in June 2012. The starting point for the proposed reading are two editions of the Brazilian television show *Observatório da Imprensa*. We debated the place that the journalists attribute to the Field thinking about its principles, the environmental subject and the event in question.

Keywords: Journalism Practices. Knowledge. Circuits Of Interpretation. Environment. Rio+20.

1. Notas introdutórias

O presente texto considera a Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 2012, momento propício para fazer trabalhar o binômio jornalismo e meio ambiente. A razão especial é o que aqui chamaremos de circuitos interpretativos do jornalismo, ou seja, espaços destinados a algum tipo de análise ou comentário sobre as práticas, que irão aproveitar o mote do evento para movimentos reflexivos sobre tal tipo de cobertura no jornalismo brasileiro. Interessa-nos, em específico, debater o conhecimento que

¹ Jornalista. Professor na Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: reges.ts@gmail.com.

emerge da experiência do ofício acerca do lugar do jornalismo e os modos de trabalho com o tema ambiental, pensando tal questão a partir do dizer de sujeitos jornalistas.

Escolhemos como apoio dois programas televisivos do *Observatório da Imprensa* (OI)² que compõem uma série sobre o jornalismo e a pauta de meio ambiente, preparatórios ao conjunto de eventos da Rio+20.³ Cada um teve como entrevistado um jornalista de reconhecida atuação no tema e ligado a meios de referência; profissionais que sintetizam em suas trajetórias alguns dos esforços nessa área no país, principalmente nos vinte anos que separam a Conferência de 2012 da Rio-92, também sediada pelo Brasil. Os convidados do programa, Washington Novaes e André Trigueiro, sobre os quais falaremos mais adiante, acompanharam muito de perto as Conferências, o que permite uma perspectiva temporal importante. Cabe acrescentar que o emblemático encontro de 1992 instalou novos modos de cobertura da questão, referidos a seguir, quando esta passou a ser uma preocupação global de implicações locais, constituindo-se, paulatinamente, em eixo central do nosso tempo.

O presente texto surge nas rebarbas de movimentos anteriores de investigação (SCHWAAB, 2011; GIRARDI et al. 2010), na trilha das práticas jornalísticas e sua relação com um tema central da contemporaneidade, ou seja, o que a abordagem de um complexo fenômeno, a questão ambiental, nos diz sobre o próprio jornalismo. Ao mesmo tempo, certa hipótese para novas tessituras de pesquisa parece se desenhar, de que o jornalismo poderia ser pensado por um princípio ecológico, nos termos da interconexão que deve promover para dar conta das emergências do tempo presente.

Sob tais direcionamentos, de modo a avançar no debate pretendido, estabelecemos como quadro teórico inicial:

- a) a proposta de Berger (2010, p. 17) de que do “saber da experiência para a prática científica e desta para o exercício da profissão há uma circulação de saberes” a ser inscrita “na perspectiva do círculo hermenêutico apontado por Boaventura de Sousa Santos”. A reflexão hermenêutica, sinaliza a autora, contribui para “pensar as relações entre as práticas e para saber ouvir o que o jornalismo tem a dizer sobre si e sobre a sociedade” (BERGER, 2010, p. 18). Os princípios do jornalismo, relembra Berger, são importante motor dos estudos do Campo, sendo este, talvez, o primeiro diálogo no circuito de saberes. As questões que motivam tais estudos, cabe sublinhar, são devotas do exercício da profissão. Aí toma forma o movimento rumo ao conhecimento sobre o jornalismo: “do saber pelo exercício da profissão a um saber formulado como conhecimento, prescrição ou orientação” (BERGER, 2010, p. 18).

² Ver: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>.

³ Ver: <<http://www.rio20.gov.br>>.

No presente texto, consideraremos o saber da experiência componente relevante do conhecimento sobre jornalismo;

- b) a mistura de falas e o espaço no qual têm ocorrência permitem visualizar um circuito interpretativo que se forma. Pela qualidade de comentário sobre uma prática primeira, da qual os jornalistas entrevistados são também sujeitos, fazemos a segunda aproximação, esta com a proposta de Marocco (2011), que resgata os conceitos de saber e comentário de Michel Foucault para pensar uma via alternativa de reflexão sobre o jornalismo. Ela congrega textos que apresentam o exercício do jornalismo de modo diferente dos livros técnicos e/ou acadêmicos e são importantes para a constituição de um determinado saber acerca da ação jornalística. São discursos críticos, que retomam, transformam e circulam no âmbito do exercício e podem ser reprocessados enquanto parte dos estudos em jornalismo. A “exegese das práticas”, que caracteriza tais comentários, se dá “sem que se saia” efetivamente do jornalismo; eles seguem jornalistas e, no caso das entrevistas do OI, seu dizer emerge em um espaço jornalístico;
- c) mais amplamente, o jornalismo será aqui entendido por um enfoque relacional (PONTE, 2005), levando em conta que os eventos e emergências do mundo e o trabalho jornalístico não podem ser dissociados. Ou como indica França (1998), o jornalismo não falará simplesmente para a sociedade, mas constituirá uma fala da sociedade;
- d) a maneira de olhar para o “mundo diante de si”, em constante mudança, é o que define as raízes do jornalismo (GROTH, 2011, p. 170). A relação “eu e o mundo” não apenas orienta o jornalismo, mas a necessidade humana de se posicionar em relação ao seu tempo, o que requer informação. Assim, em última medida, o jornalismo poderá ser traduzido como um modo de conhecimento sobre o mundo (MEDITSCH, 1997). Situado entre o rigor sistemático e analítico inerente às ciências e o senso comum, seu conhecimento será de interpretação, dada a epistemologia nele implícita (GIL, 2001). Suas eventuais “falhas”, ou um possível papel diante do tema aqui tratado, podem ser levantados a partir da consideração desse princípio;⁴
- e) adotaremos uma visada discursiva para intervir nas falas dos jornalistas no OI, não em um exercício linear de análise, mas num ir-e-vir em torno de algumas pistas. Segundo Voese (1997, p. 174) a noção de pista “só pode apontar para algo quando observada e cotejada com outras. Há, na noção de pista, sempre uma idéia de precariedade” que, no entanto, nos é

⁴ Em diálogo com o item “b” relembremos Gomis (1991, p. 36) que trata o jornalismo como “método de interpretação da realidade social” e como instância produtora de comentários sobre os textos sociais.

- necessária para que algo possa surgir do tensionamento proposto.
- f) em relação ao ambiental, acolheremos o indicado por Santamarina Campos (2006), para quem é necessário articular o complexo fenômeno ambiental no nível das práticas, discursos e instituições. A autora reconhece no ecológico a grande metáfora da atualidade, dada a capacidade de encapsular os sintomas globalmente distribuídos, mas que se mostram no espaço local. Até por isso, escreve, seria um convite a reinstalar a reflexão sobre a polifonia de vozes e discursos, produzindo interlocuções renovadas sobre nossa cultura.

2. Outras aproximações

Da Conferência de 1992 até a de 2012, o jornalismo brasileiro incorporou o tema. A própria problemática socioambiental foi reconfigurada globalmente, em especial, pela difusão de sua transversalidade, mesmo que tal característica ainda não esteja totalmente absorvida. Até 1992 não havia uma agenda organizada e a falta de preparo jornalístico para lidar com o tema era flagrante (TRIGUEIRO, 2003). Novos espaços foram constituídos aos poucos, mais especificamente, nas bordas da virada de século, com a divulgação de evidências científicas sobre alterações climáticas planetárias e sua motivação antropogênica. Barros e Sousa (2010) nomeiam o cenário que se desenhou como uma esfera pública verde ou ecosfera: os problemas ambientais passaram a interessar, sobretudo, na dinâmica social que adquiriram e onde se inscrevem, com agendas nacionais conectadas aos problemas globais.

Morin e Hulot (2008) procuram na complexidade cultural contemporânea explicações para essa resignificação da questão ecológica como eixo central do nosso tempo. Em parte, ela criou a ambiência inicial para uma eventual transformação da sociedade. O cenário mais recente, por exemplo, aglutina nas políticas ambientais preocupações com o impacto de estilos de vida e consumo. A comunicação foi preponderante para essa politização e, como pensa Schmidt (2003), não é possível conhecer os sentidos sobre ambiente sem integrar neles os próprios discursos que o tornaram tão relevante.

Os chamados direitos de terceira geração, nos quais o sujeito é a própria humanidade, geraram manifestações em prol da qualidade de vida, da alteridade e da paz, “cuja principal força está no conteúdo simbólico, imaterial e intangível, embora o caráter econômico não seja excluído” das reivindicações (BARROS & SOUSA, 2010, p. 20). Os focos do ambientalismo foram modificados também pela entrada dos governos e do empresariado na seara do verde, trazendo ao ideal de desenvolvimento sustentável, surgido na metade dos anos 1980, um aspecto pragmático e elemento de fortes disputas. As hipóteses em torno de uma saída política ou científica para os dilemas ecológicos ocasionaram, na visão de Latour (2006), uma disputa inócua,

uma vez que os problemas persistem e vem se agravando. Giddens (2010) é outro pensador a se deter na questão, diagnosticando que propostas de soluções têm vindo da sociedade civil, sendo governos e empresas pouco efetivos em seus esperados papéis. As apropriações e convites mais diversos para a partilha simbólica dos ideais emergentes, gerando desde soluções cosméticas até apelos incongruentes, fazem com que alguns discursos “ecológicos” postos em circulação sejam, na opinião de Žižek (2007), “novo ópio para o povo”, mascarando os problemas sociais fraturantes.

Ao procurar algum caminho, Leff (2006) propõe a opção por uma nova racionalidade, ambiental, efeito de um conjunto de práticas diversas e heterogêneas que organizem os processos sociais. Ela incluiria a formação de uma consciência ambiental mais ampla, a democratização do Estado e a participação social, uma dialética de transformação do conhecimento e das bases materiais dos processos produtivos. Como conceito heurístico e dinâmico, serviria para analisar e orientar processos e ações.

Como dito, ao longo dos últimos anos o jornalismo absorve o verde como demanda primordial da contemporaneidade. Por um lado, o faz em concomitante trabalho de construção de um lugar intervalar para si no debate (SCHWAAB, 2011). Por outro, o espaço de reflexão sobre as práticas jornalísticas e o tema não está suficientemente cotejado em sua potencialidade. É recorrente verificar nos estudos acadêmicos a discussão sobre o peso da divulgação das notícias ambientais e o fomento de novas percepções acerca dos impactos,⁵ ao mesmo tempo em que parte das iniciativas recebe críticas negativas (GIRARDI et al., 2010). O crescimento do espaço ao tema é substancial, apesar de não estar na mesma escala de qualidade e continuidade da cobertura, como levantamentos da ANDI⁶ vem demonstrando.

Agora, todavia, a Conferência Rio+20 gerou uma diversidade de proposições de cobertura e abordagem.⁷ Certamente há particularidades a serem consideradas em termos qualitativos, mas alguns exemplos deixam ver que a Rio+20 teve consideráveis efeitos sobre o jornalismo. Por seu poder de mobilização, na trama dos campos problemáticos (QUÉRÉ, 2005) que seu acontecimento desenrola, o próprio jornalismo acabou conduzido a assunto de debate por ocasião do evento. Nele, se vai além da exploração do papel do acontecimento em si para a cobertura jornalística, solicitando

⁵ Em 2009 a Revista Imprensa produziu edição especial sobre a cobertura do tema ambiental no Brasil. Atribuiu sua disseminação ao trabalho jornalístico.

⁶ Entre 2005 e 2008, a ANDI monitorou o tratamento das mudanças climáticas em 50 jornais no país. (<http://www.andi.org.br/inclusao-e-sustentabilidade/page/andi-e-as-mudancas-climaticas>).

⁷ Algumas iniciativas merecem ser mencionadas. O Estado de S. Paulo (<http://topicos.estadao.com.br/rio-20>) e Folha de São Paulo (<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2012/rio20>) investiram em portais na internet e na memória jornalística para produzir diferenciais de cobertura, resgatando materiais publicados na Rio-92. Na Rede Globo, a chegada de André Trigueiro aos telejornais noturnos da emissora possibilitou matérias preparatórias e uma atenção especializada ao que aconteceu durante o evento (<http://g1.globo.com/natureza/rio20>). Outra iniciativa foi a capitaneada pelo portal especializado O Eco, que subsidiou, por meio de bolsas, 20 jornalistas, de 18 países, gerando uma rede jornalística independente e multifacetada para cobertura (<http://www.oeco.com.br/noticias/26090-bolsa-traz-jornalistas-de-18-paises-a-rio20>).

que algumas vozes experimentadas desenhem panoramas para as práticas, como aconteceu no espaço do OI.

3. Discussão

Projetos como o do *Observatório da Imprensa* dão a ver, segundo Braga (2006, p. 36), meios socialmente organizados de cotejar a própria mídia, criando dispositivos que permitem “determinados modos de tratamento, disponibilizando e fazendo circular esses modos no contexto social”. A interação com o produto daí resultante, argumenta, produz uma conversa cuja circulação pode resultar em críticas interpretativas, seja sobre controle de desvios ou por aperfeiçoamentos.

O OI tem sua política editorial bastante ligada ao experiente jornalista Alberto Dines,⁸ âncora do programa televisivo. No delinear de seus objetivos, o OI é dito como

Um fórum sobre jornalismo combinado a um veículo jornalístico. As discussões sobre a excelência em jornalismo não deveriam ocorrer apenas em condições laboratoriais, exigem as mesmas circunstâncias ambientais: atualidade, esmero, empenho, referências, equilíbrio, pluralismo, constância. Não existe jornalismo estado puro, abstrato. Jornalismo é uma construção, work in progress.⁹

Como ressalta Téllez Garzón (2011), a condição de *media watching* identifica a pretensão de ser um espaço público para os críticos do jornalismo e de diferentes setores sociais. Albuquerque (2002) amplia as características da *arena*, não sem colocar em discussão os atributos de pluralidade e neutralidade que figuram no ideário do OI, dada sua lógica editorial. O pesquisador afirma que a delimitação das fronteiras da autoridade interpretativa dos próprios jornalistas sobre si está em jogo, “tanto externas (em relação a outros agentes sociais) quanto internas (divisão de competências entre jornalistas de distintos tipos)” (ALBUQUERQUE, 2002, p. 167). Tais ressalvas são importantes para colocar em perspectiva o circuito formado naquele espaço, porém não inviabilizam considerar que o saber da experiência, foco de atenção da presente leitura, poderá emergir na conversa que ali tem lugar.

Durante o mês de junho de 2012, três programas do OI foram dedicados à Rio+20, dois preparatórios, gerais, um de avaliação do conjunto de discussões da Conferência. Vamos nos deter nas duas edições que tiveram jornalistas como convidados, sendo o trabalho do Campo o foco da discussão nelas. O programa de 12 de junho¹⁰ teve como tema *Meio Ambiente – a mídia ainda de olhos fechados*, sendo Washington Novaes o convidado. A entrevista tomou três dos quatro blocos da edição. Na semana seguinte, 16 de junho¹¹,

⁸ Alberto Dines tem 60 anos de profissão. Foi editor-chefe do Jornal do Brasil, diretor da sucursal da Folha de São Paulo no Rio, diretor do Grupo Abril em Portugal. Tem mais de 15 livros publicados. É pesquisador do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp. Coordena o OI.

⁹ Disponível em: <www.observatoriodeimprensa.com.br/objetivos.asp>. Acesso em: 07 jun. 2012

André Trigueiro falou durante todo o programa (50 minutos). O tema foi *Jornalismo e meio ambiente – para além do factual*. Os dois títulos indicam alguns direcionamentos opinativos de cada um dos jornalistas, como veremos adiante.

De fato, Novaes e Trigueiro, em diferentes instâncias, têm se dedicado a colocar em perspectiva o próprio trabalho e o tratamento do tema, seja em livros, *blogs* ou comentários em diferentes mídias, o que permite tomar cada uma das entrevistas como momento de irrupção de questões com as quais cada um tem se detido.

Washington Novaes é colunista dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Popular* (GO). Na *TV Cultura* de São Paulo é supervisor de Biodiversidade e comentarista do programa *Repórter Eco*. É jornalista há mais de cinco décadas, tendo atuado em diferentes funções nos jornais *Folha de S. Paulo*, *Estado*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta Mercantil*, *Última Hora*, *Correio da Manhã*, e nas revistas *Veja e Visão*. Foi por sete anos editor-chefe do *Globo Repórter*, editor do *Jornal Nacional* e comentarista do *Globo Ecologia*, da Rede Globo. Como produtor independente de televisão, dirigiu as séries *Xingu – a terra mágica*, *Kuarup*, *Pantanal e Xingu – a terra ameaçada*, frutos de sua especialização em questões indígenas. Entre os livros publicados estão *Xingu – uma flecha no coração* (Brasiliense, 1985), *A quem pertence a informação* (Vozes, 1989) e *A Década do Impasse – da Rio 92 à Rio+10* (Estação Liberdade, 2002). É *doutor honoris causa* pela Universidade Federal de Goiás (2009).¹²

André Trigueiro é jornalista da *Rede Globo de Televisão*. Desde abril de 2012, sob impulso da Rio+20, apresenta uma coluna sobre sustentabilidade no *Jornal da Globo* e realiza reportagens para o *Jornal Nacional*. Esteve por 16 anos no canal pago *Globo News*, como âncora e repórter do *Jornal das Dez*. Criou e segue como editor-chefe do *Cidades & Soluções*, semanal da *Globo News* focado em uma pauta positiva sobre ambiente. Pós-graduado em Gestão Ambiental, Trigueiro é também professor de Jornalismo Ambiental da PUC-RJ. Entre suas publicações estão os livros *Mundo Sustentável 2 – novos rumos para um planeta em crise* (Globo, 2012), *Mundo Sustentável – abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação* (Globo, 2005) e *Meio Ambiente no século XXI* (Sextante, 2003). *Mundo Sustentável* é o título do seu portal na internet, mesmo nome do quadro de comentários que faz na *Rádio CBN*.¹³

¹⁰ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/videos/view/meio_ambiente_a_midia_ain_da_de_olhos_fechados>. Acesso em: 05 jul. 2012.

¹¹ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/videos/view/rio_20_ndash_andre_trigueiro>. Acesso em: 05 jul. 2012.

¹² Ver: <<http://www.washingtonnovaes.com.br>>.

¹³ Ver: <<http://www.mundosustentavel.com.br>>.

Em um levantamento nacional feito pelo ISER¹⁴ em 2008, jornalistas de veículos de expressão nacional foram apresentados como o segundo grupo mais bem posicionado em relação a meio ambiente, considerando “lideranças brasileiras”. Em suas respostas, os jornalistas se colocaram como aprendizes no tema, mas mencionaram acreditar em um papel formativo e de conscientização por parte do jornalismo. Para cumprir a tarefa, entretanto, viam dificuldades impostas por uma lógica de noticiário que se alimenta de novidades e de eventos dramáticos. Tal discussão segue reverberando. E talvez seja um dos principais pontos de encontro entre as falas de Novaes e Trigueiro, no sentido de projetar a necessidade de um aprofundamento das abordagens sobre o tema.

Recolhendo as pistas na materialidade discursiva, buscamos aproximações e peculiaridades do dizer de cada um dos jornalistas. Na perspectiva do saber da experiência (BERGER, 2011) que o circuito interpretativo das entrevistas no OI movimenta, nos detivemos em elementos concernentes aos procedimentos, aos modos de tratamento das problemáticas ecológicas, avaliações de contexto e recomendações, organizando-os em três blocos: (3.1) sobre o jornalismo; (3.2) diagnósticos e procedimentos; (3.3) recomendações.

Nas conversas, ao encaminhar seus questionamentos, Alberto Dines traz alguns posicionamentos sobre a relação jornalismo e meio ambiente, possibilitando que a avaliação dos convidados seja encadeada. Segundo ele, há algumas décadas a cobertura de meio ambiente era feita por setores específicos dentro das redações, panorama hoje alterado. Sua afirmação de que “o tema passou a permear todo o jornal”, todavia, soa mais como uma proposição do que como uma constatação verificada. Como recomendação, no entanto, vai ao encontro do que os convidados, especialmente André Trigueiro, irão propor. Afirma Dines que cada editoria precisa compreender que, nas pautas que desenvolve, é possível abarcar a dimensão da sustentabilidade.

O esforço em transformar a questão ambiental em pauta permanente é o eixo central das duas avaliações. Enquanto Washington Novaes relembra a opção do próprio jornalista em formar seu repertório, André Trigueiro critica a falta de informação adequada nos cursos de Comunicação Social e Jornalismo. Dines, em complemento, sugere a “obrigatoriedade” de disciplinas específicas, bem como cursos permanentes sobre o tema nas redações.

3.1 Sobre o jornalismo

Para Alberto Dines a imprensa tem se voltado para as questões ambientais, mas com uma cobertura de caráter “cosmético”, que “não vai até às últimas consequências”. Este fio segue tecido na fala de Novaes. André Trigueiro, apesar de tais críticas, ainda

¹⁴ Disponível em: <<http://www.iser.org.br/site/sites/default/files/RELATORIODIVULGACAOISERPESQUISAMUDCLIMATICAS2.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

procurará sublinhar a incorporação de um viés mais positivo para escavar lugar para a pauta, ou seja, centrado em propostas e soluções ao que se percebe como demanda pela ótica da sustentabilidade.

Os últimos 20 anos foram de significativa mudança, vivenciada pelos dois jornalistas. O contexto os leva a identificar a urgência de modificação de algumas práticas, dado o papel que ambos atribuem ao jornalismo. Novaes é provocativo ao dizer que “não há mais tempo a esperar”. E Trigueiro sintetiza o sentido que paira nas conversas acerca da função social do jornalismo e sua relação com o tema: o jornalismo, argumenta, deve “chamar a atenção para a urgência das causas ambientais”, “denunciar os problemas e dar visibilidade aos diagnósticos, sinalizar rumos e perspectivas”. Seu princípio seria, essencialmente, “incomodar”.

3.2 Diagnósticos e procedimentos

O trânsito por meios de referência e o tempo de profissão permitem que os jornalistas façam uma análise mais conjuntural. Washington Novaes é quem sintetiza um dos entraves no tratamento mais adequado do tema, o conflito de interesses do mercado de comunicação:

Eu acho que os meios de comunicação, durante muito tempo, viram as questões sobre o meio ambiente como coisa de hippies ou de profetas do apocalipse. Hoje, se tem a consciência de que é quase impossível discutir qualquer tema sem levar o meio ambiente em conta, porque tudo o que o ser humano faz causa algum impacto sobre o meio ambiente. O problema é que isso atinge interesses poderosos e a mídia fica com medo de ferir esses interesses. Então tudo isso se torna bastante complicado.

Soma-se a este problema, segundo Trigueiro, o fato de a pauta ganhar, na maioria das vezes, contornos muito negativos. Se há “interesses” de um lado, de outro há certo “desinteresse”, fruto de uma compreensão reduzida do tema. É ele quem exemplifica, sinalizando o que precisa ser enfrentado: “quebrar o estigma de que meio ambiente é um assunto chato, [...] em geral, a Ciência é vista por jornalistas e pelo público como um tema indigesto”. A evolução do próprio Campo ambiental e a ramificação da ideia de sustentabilidade como premissa da ação social, explica Trigueiro, parecem não ter reverberado nas redações: “a mídia deixou de observar importantes avanços na questão ambiental nas últimas décadas e focou apenas nos pontos negativos dos resultados dos grandes encontros internacionais”.

O foco nas grandes conferências e documentos internacionais é uma das características do modelo mediocêntrico de cobertura (BARROS e SOUSA, 2010), mas não impede, porém, sua absorção e retrabalho localmente. Trigueiro ironiza: “Seria mais fácil se tivéssemos um vilão”. O tema, todavia, está implicado na ideia de uma responsabilidade difusa e partilhada, o que torna mais delicada a efetividade de

qualquer apelo, discute.

Ao analisar os procedimentos do jornalismo, Trigueiro e Novaes ressaltam que o noticiário não pode ser restritivo. Há uma ação de fundo, que traz implicações ao modo de trabalho, considerando, por exemplo, o próprio tempo do jornalismo e sua vinculação a uma factualidade que, no caso do ambiental, já está coberta. Desastres e eventos, por si só, são notícia, lembram os dois. O agir que considere o longo prazo e possa ser prospectivo é a perspectiva que faltaria ao jornalismo. Amarrando o enfoque que permeia tais argumentos, Trigueiro defende uma análise mais aprofundada, que reverta a desatenção jornalística a temáticas cruciais da agenda social, incorporando o ecológico e o socioambiental como variável do exercício da reportagem: “Nós precisamos ter a coragem de rever o que até agora fez sentido”. É nesse viés que identificamos uma série de recomendações em torno do fazer.

3.3 Recomendações

Alterações do clima, crescimento da população, caos urbano e aumento da demanda por matéria-prima, com maior uso de recursos naturais, são temas em trânsito nas duas entrevistas, dado o experimentado tratamento de ambos com os assuntos. Trigueiro defende: é possível mostrar que há caminhos. “Quando a mídia abre espaço para isso, não fica refém do factual. Ela cria um espaço que tem atratividade e que gera um conjunto de pautas associadas”, completa. Para que aconteçam, porém, admite que caberia ao jornalista desenvolver tal visão, ou seja, deter a informação para que a pauta seja aceita na reunião de redação. Suas considerações são depositárias de um apreço pelo apelo de uma agenda positiva “que não fique restrita às catástrofes”. Descontinuidade, falta de aprofundamento e de abordagem mais acertiva são os elementos que igualmente aparecem no dizer de Novaes. “A comunicação tem que dar uma sequência no debate sobre o meio ambiente e não ficar cobrindo apenas fatos episódicos. Não pode ser assim”, fazendo referência ao abandono das abordagens findado seu suposto “ciclo”. Tal questão é tão central para ambos que serve como um dos motes iniciais para a fala de Trigueiro:

Nós somos reféns do factual. Então, a gente precisa de um evento, ou da divulgação de um relatório ou de um determinado acidente, uma crise, um vazamento de óleo ou uma queimada, para lembrar um determinado tema e dar [a ele] o seu devido espaço. Portanto, a Rio+20 tem como primeiro mérito marcar no tempo e no espaço uma enorme, gigantesca aglutinação de setores da sociedade.

Na interação com Dines, Washington Novaes exemplifica esta incorreção do jornalismo de forma interessante:

Dines – E a imprensa tem medo.

Washington – É. E fica ali se equilibrando entre as contas e um outro problema, esse você conhece bem, que é a falta de continuidade no tratamento das questões. Notícia num primeiro momento em que há um impacto.

Alberto Dines – Como agora, nesse momento [vésperas da Rio+20]

Washington Novaes – ... e depois esquece totalmente. Que é que está tratando, por exemplo, das consequências dos desastres climáticos na região serrana do Rio de Janeiro há mais de um ano. Quem está indo lá ver o que está acontecendo, o que foi feito para resolver? [...] Não há sequência e os problemas vão acontecendo. Por exemplo, ninguém viu que 400 mil pessoas ocuparam as margens das represas de abastecimento de água de São Paulo, em áreas ilegais. Ninguém viu isso? E de repente vira um problema enorme. Como você faz com 400 mil pessoas ali, sem redes de esgotos, despejando esgoto e lixo na beira do manancial .

Ao longo de suas falas, os jornalistas deixam entrever uma opção pessoal pelo aprofundamento *das e nas* questões ambientais, resultado de um investimento na própria formação e especialização para dar conta do tema profissionalmente. A opção, do mesmo modo, acaba absorvida no cotidiano. Ambos lembram que conforme as informações vão sendo assimiladas, a mudança de alguns comportamentos é inevitável.

O próprio André Trigueiro faz, em seu blog no *Portal G1*,¹⁵ um texto em que, a partir da imagem das credenciais de imprensa da Rio-92 e Rio+20, fala da experiência com o tema e se diz grato ao que vivenciou na cobertura de 20 anos atrás, transformadora no seu modo de encarar a questão. E a ilustra na conversa com Dines ao dizer que todo jornalista passa a enfrentar um conflito ético, “bem-vindo”, porque percebe que a soma das ações individuais produz um efeito em escala. E alerta: “O jornalismo ligado aos temas ambientais é profundamente ameaçador para o jornalista. Pela recorrência com que ele vai lidando com os assuntos de lixo, uso inteligente de água, uso racional de energia, dificilmente ele não internaliza um novo comportamento ”.

Dines, nas duas ocasiões, defende que a imprensa é instituição capaz contribuir . O fato de os dois jornalistas ocuparem espaços editoriais importantes em veículos de referência no país mostra que, de alguma forma, estes 20 anos que separam a emblemática reunião de 1992 do encontro de junho de 2012, tiveram impacto sobre o jornalismo brasileiro. As falas dos jornalistas permitem interpretar que algumas correções de rota são necessárias, no entanto, começando já pela própria formação na área: “Costumo dizer que eu não me considero um jornalista especializado em meio ambiente. Eu sou jornalista, como sou há 55 anos. Agora, tenho uma história de vida e de profissão que me levou a um interesse cada vez maior por isso ”, afirma Novaes.

¹⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/mundo-sustentavel/2012/06/14/gratidao-a-rio-92>>. Acesso em: 31 jul. 2012.

4. Notas finais

Vimos nas falas que emergem nas duas edições do programa televisivo *Observatório da Imprensa* que a opção dos sujeitos jornalistas pelo tema se reflete na sua prática mais “atenta” ao todo da questão. A pauta é criada e o fazer é ressignificado com a roupagem da experiência, indicando o peso de uma ação dirigida no âmbito profissional e, nos dois casos, pessoal, a começar pela formação que permita um repertório afinado com as demandas que se apresentam e a complexidade que carregam.

Ao olhar para o lugar do jornalismo e o modo como o mundo nos é dado a ver, estamos interferindo positivamente na formulação de conhecimento sobre o jornalismo, para além do acesso a um modo de compreensão que emerge mais afeito às dinâmicas próprias da vida. Como já alertou Medina (1996, p. 228), “O real pulsante não pode ser transposto para uma ata de ritmo previsível da primeira à última informação. São necessárias variáveis para atender ao momento vital a que nos referenciamos”.

Washington Novaes diz, concluindo sua proposição para o jornalismo: “Essa coisa de meio ambiente não existe porque o meio ambiente é tudo”. André Trigueiro, da mesma maneira, relembra: “Pensar em meio ambiente é pensar em efeitos sistêmicos”. Há, na verdade, um percurso “por fazer”, talvez o sintoma mais claro que pode ser percebido: estamos falando de bom jornalismo, de uma abordagem mais exigente em certos aspectos e na qual aparece um princípio mais orgânico e integrador como premissa. Por essa razão, tomando a interconexão e a co-afetação entre todo e qualquer elemento como inegável, apontamos para uma hipótese de trabalho que deverá seguir sendo tensionada, de que o jornalismo, pensado por sua função e pela vinculação estreita que deve ter com a atualidade alargada e a vida social, pode ser orientado por um princípio ecológico.

Se aceitarmos o desafio de colocar entre os princípios do jornalismo um princípio ecológico, a reflexão se renova produtivamente por outras vias. Em novos começos, focalizando as práticas do campo, poderemos perguntar: o princípio ecológico, de interconexão, poderá ser um modo de construir conhecimento para enfrentar melhor o tempo presente? Nesse entremeio, o tempo do jornalismo e o tempo do ambiental poderão se encontrar?

A constatação de Santos (2007, p. 20), de que “nos falta um conhecimento tão global como a globalização” pode ser assumida como uma provocação dirigida ao jornalismo. Tomada como partida para a problematização sobre as práticas, ela faz recordar da função social inerente e da confiança partilhada em torno de um compromisso plural por parte do Campo. Reitera, ainda, a importância de problematizar o jornalismo enquanto prática discursiva. A ecologia, como conjunto de saberes e como metáfora, apresenta-se como um conhecimento com certa globalidade para ajudar a repensar o jornalismo, ultrapassando inclusive o caráter de uma “especialidade temática”. Como saber complexo (LEFF, 2001), é potencializadora do fazer, conclama

interin.

o (bio)diverso, o multifacetado, além de marcar fortemente o espírito do tempo presente. E enquanto metáfora serviria para produzir reflexão acerca da epistemologia e da ação jornalística, no sentido de puxar os fios que tecem as interações e que possam dar a ver a tensão que permeia saberes, dizeres e imaginários.

Nessa linha, Santos (2007) propõe um esforço pela superação das ausências nos discursos, de onde nasce a sua defesa de uma “ecologia dos saberes”, pedindo a reavaliação sobre aquilo que, no modo de pensar ocidental, tem sido simbólica e repetidamente negligenciado. Desta forma, repensar o jornalismo por um princípio ecológico parece ser explorar a potencialidade geradora que o fundamenta, em lógica dialética, adequada ao que os próprios jornalistas pontuaram em suas falas ao contemplar o cenário de exigências que se desenha para as práticas jornalísticas e o tema ambiental.

Referências

ALBUQUERQUE, Afonso. *Media Criticism no Brasil: o Observatório da Imprensa*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 25, n. 2, jul.-dez. 2002.

BARROS, Antônio; SOUSA, Jorge P. *Jornalismo e ambiente: análise de investigações realizadas no Brasil e em Portugal*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2010.

BERGER, Christa. *O conhecimento do jornalismo no círculo hermenêutico*. Brazilian Journalism Research, v. 6, n. 2, p. 17-25, 2010.

BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

FRANÇA, Vera. *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GIDDENS, Anthony. *A política da mudança climática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GIL, Fernando. *Mediações*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2001.

GIRARDI, Ilza, LOOSE, Eloisa, MASSIERER, Carine, SCHWAAB, Reges. *Jornalismo Ambiental: caminhos e descaminhos*. Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Luís, Maranhão, Brasil: UFMA, 2010.

GOMIS, Lorenzo. *Teoría del periodismo. Cómo se forma el presente*. Barcelona: Paidós, 1991.

GROTH, Otto. *O poder cultural desconhecido. Fundamentos da ciência dos jornais*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LATOURE, Bruno. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

LEFF, Enrique. *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

MAROCCO, Beatriz. *Os “livros de repórteres”, o comentário e as práticas jornalísticas*. Contracampo, v. 22, p. 116-129, 2011.

MEDINA, Cremilda. *Povo e personagem*. Canoas: Ulbra, 1996.

MEDITSCH, Eduardo. *O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?* BOCC – Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em: 28 maio 2012.

MORIN, Edgar; HULOT, Nicolas. *El año I de la era ecológica: la Tierra que depende del hombre que depende de la Tierra*. Barcelona: Paidós, 2008.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.

QUÉRÉ, Louis. *Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento*. Trajectos, Lisboa, n.6, pp.59-76, 2005.

REY MORATO, Javier Del. *Crítica de la razón periodística*. Madrid: Universidad Complutense, 1998.

SANTAMARINA CAMPOS, Beatriz. *Ecología y poder: el discurso medioambiental como mercancía*. Madrid: Catarata, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a Teoria Crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n.63, outubro/2002.

SCHMIDT, Luísa. *Ambiente no ecrã: emissões e demissões no serviço público televisivo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

SCHWAAB, Reges. *Uma ecologia do jornalismo: o valor do verde no saber dizer das revistas da Abril*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2011.

TÉLLEZ GARZÓN, Maria Patrícia. *Observatórios e Ouvidorias: experiências de crítica midiática e cidadania na América Latina*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2011.

TRIGUEIRO, André. *Meio ambiente na idade média*. In: TRIGUEIRO, André (org.). *Meio Ambiente no Século 21*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VOESE, Ingo. *O movimento dos sem-terra na imprensa: um exercício de análise do discurso*. Ijuí, RS: Editora UNIJUI, 1997. (Ciências Sociais).

ŽIŽEK, Slavoj. *Ecology: A New Opium for the Masses*. Lacan dot com. 2007. Disponível em: <<http://www.lacan.com/blog>> Acesso em: 28 maio 2012.